

Afetividades marginais em contextos de violência armada: Notas sobre a experiência dos moradores da Maré

Marginal affections in contexts of armed violence: Notes on the experience of dwellers in Maré

Eduardo Ribeiro^a , Eduardo Moura Oliveira^b ,
Eduardo Ramos Junior^c 

Resumo Este artigo investiga as experiências emocionais dos moradores da Maré, e como estas são influenciadas pela exposição à violência armada. No estudo, assumimos que a categoria “afetividades marginais” conjuga distintos marcadores sociais, refletindo situações de exclusão, obstáculos estruturais e formas de discriminação, estigmatização e desigualdade. Neste sentido, é observado como certos tipos de afetos (desconfiança e medo, tristeza e raiva, aflição) variam conforme o nível pessoal de exposição à violência armada. Realiza ainda uma breve discussão sobre afetividades inscritas em diferentes tipos de governança criminal. De cunho descritivo e exploratório, a análise empírica utilizou dados quantitativos da pesquisa “Construindo Pontes: impactos sociais da exposição à violência armada na Maré”, para mostrar um panorama socioemocional dessa população, além de propor algumas hipóteses sobre as figurações emocionais e relacionais das pessoas residentes em áreas conflagradas e territórios periféricos brasileiros, como o conjunto de favelas da Maré, na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave Afetividades marginais. violência armada. impactos da violência armada nas favelas. Maré.

Abstract *The paper investigates the emotional experiences of residents in Maré, a Brazilian complex of slums, and how they are influenced by exposure to armed violence. The concept of “marginal affections” in the study encompasses different social markers, reflecting situations of exclusion, structural barriers, and forms of discrimination, stigmatization, and inequality. In this sense, it examines how certain types of affections*

a Professor Adjunto no departamento de Sociologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: eduardoribeirobr@gmail.com

b Professor Adjunto no Departamento de Antropologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: eduardomoura@gmail.com

c Doutorando em Sociologia no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: 88ramosjr@gmail.com



(such as distrust and fear, sadness and anger, distress) vary according to the personal level of exposure to armed violence. The article also briefly discusses the affectivities inscribed in different types of criminal governance. Employing a descriptive and exploratory approach, the empirical analysis utilizes quantitative data from the research project “Building the Barricades: social impacts of exposure to armed violence in Maré” to provide a socioemotional overview of this population. The paper also puts forth hypotheses concerning emotional and relational figurations of individuals residing in conflict-affected areas and peripheral territories in Brazil, such as the Maré slums in Rio de Janeiro.

Keywords *Marginal affections. armed violence. impacts of armed violence in favelas. Maré’s favelas.*

INTRODUÇÃO

Os confrontos armados são um fenômeno complexo e perturbador, que afeta comunidades ao redor do mundo e deixa marcas profundas na vida das pessoas. No contexto brasileiro, em que não há guerras ou conflitos civis, as áreas conflagradas, aquelas com ampla incidência de tiroteios e presença ostensiva de armas de fogo, estão concentradas em territórios pobres e periféricos, estando relacionadas a questões de segurança pública e violência urbana. Este tipo de experiência provoca impactos significativos nas condições de vida das populações residentes, já fragilizadas por uma série de outros problemas estruturais.

No estado do Rio de Janeiro, sobretudo em sua região metropolitana, boa parte dos confrontos armados está historicamente associada à presença de grupos criminosos armados, que controlam os territórios em que exercem suas atividades ilícitas.¹ Estas áreas correspondem, tipicamente, a localidades populares, de baixa renda e, entre estas, aos assentamentos urbanos conhecidos como favelas. Com este domínio territorial, em certos locais instituído há décadas, constitui-se a figura dos “donos”, um ou mais indivíduos que lideram pequenos grupos que controlam territórios, seus recursos e população.

Estes estabelecem formas de ordenamento social, incluindo normas que regem o cotidiano das pessoas, mediação de conflitos interpessoais e a aplicação de práticas de expulsão, castigos físicos ou mesmo de extermínio, operando “limpezas sociais” para eliminar pequenos criminosos, por exemplo.² Os traficantes

1 Sobre facções do tráfico de drogas ver Misse (1999), Dowdney (2003) ou Machado da Silva (2008).

2 Sobre as formas como ocorrem historicamente este ordenamento socioterritorial, ver Zaluar (1985) ou Leeds (2006). Esta última, utiliza a expressão “poderes paralelos”. Recentemente, os trabalhos de Lessing (2021) e Ribeiro, Soares e Krenzinger (2022), trataram da categoria

locais, do varejo de drogas são o perfil mais comum, embora não sejam os únicos a desempenhar esse papel. Nas últimas duas décadas, outros grupos criminosos armados, as “milícias”³ tornaram-se protagonistas relevantes no cenário.

Aqui, o termo “violência armada” se refere ao conjunto de fenômenos, eventos e processos relacionados à presença ostensiva destes grupos armados ilegais, com seu domínio e apropriação de territórios periféricos. Se refere também às respostas que as agências estatais, sobretudo as polícias, oferecem, e aos embates e tiroteios entre grupos armados ou com as polícias. A acepção inclui ainda as consequências que incidem sobre os territórios e suas populações residentes. Estas últimas configuram o escopo deste artigo.

Nosso foco recai sobre um tipo muito particular de impacto social, pois tratamos da influência da violência armada sobre as experiências emocionais dos moradores de favelas do Rio de Janeiro. O estudo empírico destas “afetividades marginais” foi realizado tomando como caso o conjunto de favelas da Maré, a vivência e as experiências de sua população.

Partimos de dados quantitativos coletados pela pesquisa “Construindo Pontes: impactos sociais da exposição à violência armada na Maré”⁴ (Heritage e Silva, 2021), realizada em 2019 por meio de *surveys*, para examinar como certos tipos de afetos variam de acordo com a intensidade da exposição à violência armada. Discutimos ainda eventuais variações (e uma certa invariância) desse quadro emocional segundo o modo com que os diferentes grupos armados, facções do tráfico ou milícias, exercem poder e controle sobre os territórios.

VIOLÊNCIA ARMADA E SEUS EFEITOS PSICOSSOCIAIS

Além dos impactos diretos e objetivos, historicamente documentados pela literatura especializada,⁵ é possível elencar outros efeitos indiretos, subjetivos e psicossociais, associados às dinâmicas da violência armada. Não cabe aqui uma descrição exaustiva destes efeitos, impactos e consequências. Antes disso, apresentaremos um breve apanhado de estudos que oferecem contexto e boas perspectivas

“Governança Criminal”, e das consequências desse modo de controle social do território para o cotidiano das pessoas.

3 Sobre as milícias, ver os estudos realizados por Cano (2008), Cano e Duarte (2012) e Hirata et al. (2021).

4 Coordenada por Paul Heritage e Eliana Sousa Silva, e realizada por *People’s Palace Projects* do Brasil, Redes da Maré, *Queen Mary University of London*, Escola de Serviço Social e Instituto de Psiquiatria da UFRJ, e Núcleo de Estudos em Economia Criativa e da Cultura (Escult.) da UFRGS. A pesquisa contou com o apoio do *Economic and Social Research Council* (ESRC) e do *Arts and Humanities Research Council* do Reino Unido, por meio do programa *Global Challenges Fund* e do *Arts Council*.

5 Ver, por exemplo, Cano et al. (2004), Ramos (2007).

analíticas, e cujos resultados serviram de subsídios para pensar nossos resultados, caracterizando a ambiência emocional da Maré e, de modo mais amplo, de outras áreas conflagradas no Rio de Janeiro e Brasil.

Uma categoria que dialoga diretamente com o estudo é a de “vítimas ocultas”. De fato, além do enorme número de vítimas diretas, a violência armada deixa um contingente provavelmente muito superior de vítimas indiretas e secundárias, muito pouco visibilizadas. Pessoas atingidas pela perda violenta de um familiar, amigos íntimos, vizinhos ou colegas de trabalho, podem experimentar impactos emocionais, psicológicos, sociais e econômicos decorrentes do evento traumático. Estas vítimas indiretas podem sofrer com desestruturação familiar, com questões financeiras e problemas psicossociais, podendo desenvolver, inclusive, a chamada desordem de estresse pós-trauma – DEPT.⁶ Neste distúrbio é observada a permanência prolongada de sintomas psicológicos e comportamentais característicos dos estados de choque (Soares, Miranda e Borges, 2006).

Mesmo sem a experiência de uma vitimização direta, ou que não se tenha um familiar ou pessoa próxima vitimados, é possível sentir os efeitos subjetivos da violência enquanto representação social e ameaça difusa. Soares, Miranda e Borges (2006) sugeriram que o convívio prolongado com a violência, caracterizado pela exposição, mesmo indireta, a repetidos episódios, e pelo medo de (re)vitimização sentido cotidianamente, poderia equiparar os níveis de trauma e tensão psíquica experimentados pela população de algumas cidades brasileiras aos níveis observados em profissões de alto risco, como policiais ou bombeiros.

Este tipo de fenômeno pode ser especialmente vivenciado nas favelas, onde a exposição à violência armada é maior e, muitas vezes, perene. Moradores de áreas conflagradas vivem sob tensão intermitente. Muitos estão constantemente em estado de alerta, atentos à possível ocorrência de tiroteios. O medo e a incerteza são internalizados pelos moradores e assumem papel fundamental na condução de suas rotinas e cotidianos (Cavalcanti, 2008).

Nos territórios ocupados, o domínio dos grupos armados pode se caracterizar por um controle maior ou menor da vida local, e pela submissão a um conjunto de regras ditadas pelos criminosos. Restrições sobre deslocamento de moradores, toques de recolher, proibições ao uso de roupas e cores, regulação de horários do comércio e outras instituições locais, cobrança de taxas, controle sobre o uso de espaços públicos (como quadras e praças), vigilância constante das principais vias de acesso, mediação e deliberação de conflitos domésticos e entre vizinhos, danos a

6 Também conhecido como Transtorno de Estresse Pós-traumático (TEPT).

telefones públicos (visando evitar denúncias), lei do silêncio; estas são algumas das normas e práticas relatadas na literatura e que fazem parte das chamadas “leis do tráfico”,⁷ mas que podem ser estendidas às realidades dos territórios com milícias.

Em conjunto com os conflitos armados, o domínio territorial e o controle sobre as condutas causam impactos que passam pela interrupção das rotinas (Farias, 2008; Machado da Silva, 2008) e por entraves na vida político-comunitária (Leeds, 2006). Podem ainda provocar sentimento de impotência e indefensão, e atitudes de anulação ou sujeição, com isolamento e afastamento do espaço público. Neste último caso, Cano (2006) empregou o termo “indefensão apreendida” para expressar os sentimentos de impotência, desamparo e ausência de reação em cenários com elevados níveis de violência e impunidade. O conceito sugere que experiências negativas reiteradas, como abusos, violações e violências, são subjetivamente assimiladas, gerando uma sensação crônica de indefensão que resulta em atitudes de anulação ou sujeição das vítimas. É como se os indivíduos se habituassem com a dor ou aprendessem a sofrer, aceitando o fato de que nada que fizerem poderia alterar a realidade em que vivem.

SOBRE AFETIVIDADES MARGINAIS

O conceito de afetividade é fundamental para compreendermos as interações sociais, bem como as experiências emocionais a estas associadas. Afetos habitam cada particularidade das interações através das mais variadas formas de linguagem e de discurso. Importa situar o conceito de afeto a partir de dois pressupostos: 1) como estado do corpo afetado, a partir de um corpo ou de corpos afetantes, sejam pessoas ou objetos; 2) o afeto supõe uma ideia de transição, de um estado a outro no tempo, variação provocada pelos corpos afetantes (Deleuze, 2002). Logo, nos cabe considerar as mudanças de estados provocadas pelos tiroteios, pela aproximação de pessoas armadas e outras situações cotidianas na Maré e no Rio de Janeiro.

Diante das limitações de espaço e considerando os dados analisados, a emoção é tratada dentro do conjunto de desdobramentos possíveis produzidos pelos afetos, que estão na base das interações entre corpo e mundo exterior. As emoções seriam percepções subjetivas que as pessoas elaboram a partir desses encontros, desses afetos. Aqui reside o enlace analítico entre a violência que afeta o indivíduo, e o modo pelo qual ele responde no registro de suas emoções.

Nesse sentido, a dimensão emocional da experiência está intrinsecamente ligada às práticas sociais, aos sistemas de significado e culturas, modelando a

7 Ver Dowdney (2003) e Zaluar (2004).

convivência e as relações interpessoais. Como fenômenos sociais, as emoções podem ser apreendidas, compartilhadas e negociadas a partir de processos sociais culturalmente específicos, posicionados e historicamente delimitados, inclusive se consolidando como referenciais padronizados socialmente construídos (Hochschild, 1979). Cada cultura possui suas próprias formas de experienciar, expressar e interpretar os afetos, edificando experiências emocionais específicas.

Assim, considerando o nexos entre afetos e expressão das emoções, demarcamos como “afetividades marginais” um espectro da dimensão emocional que se refere às relações afetivas que se desenvolvem em ambientes marcados pela marginalização social, como as periferias urbanas, e territórios que concentram pobreza, exclusão, e desigualdades claramente observadas. Como caso especial, destacamos os afetos que ocorrem em locais dominados por grupos armados e mercados ilegais.

Nosso interesse reside nos moradores de favela e, em especial, nas pessoas que experimentaram mais de perto situações com tiroteios e luto decorrentes da violência armada. Estas últimas estariam em situação de precariedade ainda maior pois, além de compartilharem, com outros residentes, as mesmas condições de vida, pobreza e a convivência com um contexto mais amplo de violência armada, acumulam a desvantagem de serem vítimas ocultas.

Os afetos e vínculos socioemocionais estabelecidos por indivíduos que vivem e tocam seus projetos de vida nessas realidades foram nosso foco. Além de uma dimensão mais óbvia, relacionada a emoções como medo e insegurança, as afetividades que interessaram incluíram raiva e aflição, isolamento e desesperança, entre outros. Como problema, questionamos como a violência incide sobre aquilo que as pessoas expressam sobre suas emoções.

O CONJUNTO DE FAVELAS DA MARÉ

Este é um trabalho sobre pessoas, lugares e afetos na região da Maré. Situar este estudo de caso nessa região é relevante por oferecer um vislumbre da complexidade de um território que, embora possua como um traço característico uma rotina circunscrita pelo controle de grupos armados, não se resume a seu contexto de área conflagrada.

Formada por um conjunto de 16 comunidades,⁸ a Maré está localizada na zona norte do município do Rio de Janeiro, numa região conhecida como subúrbio da

8 Baixa do Sapateiro, Conjunto Bento Ribeiro Dantas, Conjunto Pinheiros, Marcílio Dias, Morro do Timbau, Nova Holanda, Nova Maré, Novo Pinheiro (popularmente chamado Salsa e Merengue),

Leopoldina. Com área aproximada de 6 km², seu território, margeado pela Baía de Guanabara e pelas principais vias expressas da cidade, é densamente povoado. Possui população estimada de 140 mil habitantes.⁹

O processo de formação da Maré remete à década de 1940 e, desde então, diferentes ondas de ocupação geraram microterritórios com história e perfis (sociais, econômicos e culturais) bastante diversos. Antes de um conjunto homogêneo, parece mais adequada a referência a muitas “marés” ou, como apontaram Krenzinger et al. (2021; p.186), a um “mosaico de Marés”, com especificidades territoriais marcantes.

Como em outras favelas e periferias do Rio de Janeiro e Brasil, a população nas comunidades da Maré convive com diversos problemas urbanos e fatores de estresse. Estes incluem uma infraestrutura precária, falta de acesso a serviços básicos, pobreza e exclusão socioeconômica, acesso limitado a redes e instituições culturais. Além disso, a expansão populacional não foi acompanhada por ações públicas (Redes da Maré, 2019).

No que se refere ao contexto de segurança pública, uma singularidade do caso diz respeito à distribuição do domínio territorial armado por grupos criminosos. Na Maré atuam diferentes grupos armados. Em duas áreas se destaca a presença de facções do tráfico varejista de drogas ilícitas, com duas diferentes facções ou comandos (CV e o TCP). Em outra área atuam grupos milicianos (Ribeiro, Soares e Krenzinger, 2022).

FONTE DE DADOS

Este artigo utilizou dados coletados pelo estudo “Construindo Pontes: impactos sociais da exposição à violência armada na Maré” (Heritage e Silva, 2021). Coordenado por Paul Heritage e Eliana Sousa Silva, a pesquisa buscou investigar os efeitos dos conflitos armados sobre a saúde mental e bem-estar da população adulta da Maré. Um dos principais instrumentos foi um *survey* domiciliar aplicado em 2019 a uma amostra de 1.211 pessoas.

O questionário possuía sete blocos, com perguntas que investigavam, além do perfil da população, e de suas condições de vida e saúde mental, um leque amplo de outros temas (Ribeiro, 2021). Nosso interesse recaiu sobre os blocos que

Parque Maré, Parque Roquete Pinto, Parque Rubens Vaz, Parque União, Praia de Ramos, Vila do João, Vila dos Pinheiros e Conjunto Esperança.

⁹ Estimativas do Instinto Pereira Passos (IPP), para 2022. Ver: <https://www.data.rio/>. Acesso em 26/06/2023.

tratavam: (a) saúde e saúde mental e; (b) experiências de violências (subjetivas e objetivas) nos territórios.

O bloco sobre “saúde e saúde mental” coletou dados sobre o acesso à rede de saúde na Maré, incluindo equipamentos e unidades locais voltadas à promoção de saúde mental. Nele, havia uma subseção com os itens do chamado “inventário breve de sintomas psicopatológicos” (BSI),¹⁰ um instrumento que registra sintomas psicológicos e emocionais percebidos pelas pessoas entrevistadas na semana anterior à entrevista (Derogatis e Melisaratos, 1983). Este permite avaliar sintomas psicológicos e problemas de saúde mental em adultos, e computar indicadores para acessar quadros de sofrimento psíquico e emocional. O BSI foi anteriormente usado para estimar condições de saúde mental da população da Maré (Cruz et al., 2021).

O bloco referente às “experiências de violências” investigou tipos de violência comunitária experimentados pelos residentes na Maré em suas vidas e atividades diárias. Trazia questões que permitiram avaliar a exposição à violência armada, com informações sobre sua incidência e sobre a frequência com que ocorria. Coletava ainda dados sobre medo do crime, sensação de insegurança, e sobre as consequências negativas e prejuízos percebidos como resultantes destas violências.

DESENHO E ESTRUTURAÇÃO DAS ANÁLISES

Para acessar o que temos chamado de “afetividades marginais”, buscamos observar certas expressões, como desdobramentos emocionais dos moradores da Maré, e como estes poderiam ser influenciados pelas dinâmicas da “violência armada” que afetam o cotidiano da região. Nessa linha, organizamos as análises tomando duas variáveis explicativas: os níveis de exposição a tiroteios e violência armada, e uma distinção territorial entre tipos de governança criminal na Maré, se o residente estava em área de tráfico ou de milícia.

Além disso, elencamos um amplo leque de variáveis resposta, que representavam afetos negativos, registrados a partir do BSI como marcadores de saúde mental. Também foram utilizadas questões sobre medo do crime e insegurança (Ribeiro, 2021). Justamente pelo vasto número de aspectos a serem analisados, e pelo caráter relativamente inovador da proposta, optamos por um desenho descritivo e de cunho exploratório.

¹⁰ *Brief Symptom Inventory* (BSI).

A DISTRIBUIÇÃO DOS AFETOS NA MARÉ

O BSI¹¹ é composto por 53 itens¹² que abrangem nove dimensões de sintomas psicológicos.¹³ Os indivíduos respondem aos itens reportando o grau de incômodo provocado por cada sintoma na última semana. O indicador principal derivado do BSI é uma pontuação global da gravidade dos sintomas – o índice global de gravidade. Os itens também podem ser organizados para estimar pontuações específicas para as nove dimensões de sintomas.

Nossa proposta analítica não se concentrou em calcular índices compostos. Antes, explorou a possibilidade de utilizar separadamente os itens, para acessar afetos e experiências emocionais que seriam contrapostas aos níveis de exposição à violência armada na Maré. Assim, analisamos os itens procurando identificar os mais pertinentes aos objetivos de compreender e dar substância ao que chamamos de “afetividades marginais”. Os resultados deste esforço estão dispostos na Tabela 1.

Adicionalmente, dialogamos com um subcampo já consolidado do campo da sociologia da violência, que discute percepções de risco e sentimento de insegurança, tratando o medo do crime e seus determinantes.¹⁴ Estes são afetos que parecem mais óbvios em áreas conflagradas e contextos com altos níveis de violência. Para representar este aspecto, escolhemos três perguntas das nove que investigavam o tema.¹⁵ Duas perguntas tratavam do medo da vitimização acidental por armas de fogo, as “balas perdidas”, outra registrava o medo de transitar na Maré.

11 O BSI é composto por um cabeçalho que introduz o interesse em “conversar sobre sintomas e problemas que possa estar apresentando”. O entrevistador lê uma lista de itens e solicita que se responda, de acordo com uma escala de frequência (nunca; poucas vezes; algumas vezes; muitas vezes; sempre ou quase sempre) a opção que melhor descreve o grau com que cada problema incomodou na semana anterior à pesquisa. Nas análises, simplificamos a escala deixando duas opções: “nunca” e “alguma vez”.

12 Uma listagem geral de sintomas, com os 53 itens do BSI consta no Apêndice 1.

13 As dimensões são: somatização, obsessão-compulsão, sensibilidade interpessoal, depressão, ansiedade, hostilidade, ansiedade fóbica, ideação paranoide e psicoticismo.

14 Ver Borges (2011) ou Borges e Cano (2021).

15 Uma listagem das questões sobre medo do crime e insegurança consta no Apêndice 2.

Tabela 1. Distribuição dos afetos na Maré – sintomas do BSI.

Tipo de sintoma do BSI	Percentual		Razão	Tipo de afeto associado
	Nunca	Alguma vez	Alguma/Nunca	
Grande dificuldade em sentir-se “próximo” de outra pessoa	78,0	22,0	0,28	Isolamento
Sentir-se sem esperança perante o futuro	75,5	24,5	0,32	Desesperança
Ter explosões de raiva que não se pode controlar	73,1	26,9	0,37	Raiva
Não ter interesse por nada	72,9	27,1	0,37	Desinteresse
Ter de evitar certas coisas, lugares ou atividades por lhe causarem medo	68,4	31,6	0,46	Medo
Sentir-se em estado de tensão ou aflição	68,2	31,8	0,47	Aflição
Medo na rua ou praças públicas	66,1	33,9	0,51	Medo
Sentir que as outras pessoas não são amigas ou não gostam de você	55,6	44,4	0,80	Desconfiança
Sentir-se triste	53,6	46,4	0,87	Tristeza
Nervosismo ou tensão interior	50,5	49,5	0,98	Tensão
Aborrecer-se ou irritar-se facilmente	40,5	59,5	1,47	Raiva
Sentir que não pode confiar na maioria das pessoas	29,0	71,0	2,44	Desconfiança

Fonte: Pesquisa Construindo Pontes (Heritage e Silva, 2021). Elaboração própria.

Tabela 2. Distribuição dos afetos na Maré – Medo do crime e insegurança

Tipo de medo	Percentual		Razão	Tipo de afeto associado
	Pouco medo	Medo frequente	Freq./Pouco	
Sente medo de ser atingido por bala perdida na Maré	37,3	62,7	1,68	Medo
Medo de que alguém próximo seja atingido por bala perdida na Maré	29,1	70,9	2,43	Preocupação
Sente medo de circular na Maré	88,5	11,5	0,13	Insegurança

Fonte: Pesquisa Construindo Pontes (Heritage e Silva, 2021). Elaboração própria.

EXPOSIÇÃO À VIOLÊNCIA ARMADA

A pesquisa Construindo Pontes mapeou diferentes tipos de violência comunitária vivenciados cotidianamente pelos moradores da Maré, registrando a incidência (se a pessoa passou ou não por uma experiência), e a intensidade da exposição às violências. Neste último caso, contava-se o número de ocorrências nos últimos 12 meses. Para trabalhar a exposição à violência armada, as seguintes situações foram observadas:

- a) Teve sua casa invadida. As invasões são um evento típico do fenômeno da violência armada, no qual a residência de um morador é violada por

- um indivíduo, comumente armado, policial ou membro de grupo criminoso. Não raro, durante a invasão ocorrem outras violações, como violência verbal, discriminação, extorsão e danos, provocando prejuízos materiais e subjetivos. Em 2019, 13,4% dos residentes da Maré tiveram suas casas invadidas. Entre estes, a média foi 2,2 eventos por ano.
- b) Esteve em meio a um tiroteio na Maré. Um tipo de experiência indireta, com exposição a armas de fogo e risco concreto de vitimização direta, mesmo que acidental. 43,9% dos moradores passaram por este tipo de experiência no período de 12 meses. Entre estes, a média foi de 3 eventos experimentados. O dado ilustra o risco enfrentado pela população durante episódios de confronto armado, e o tipo de situação que se pretende constantemente evitar, como mostrou Cavalcanti (2008).
- c) Viu alguém sendo baleado ou morto na Maré. Experiência de vitimização indireta na qual o morador testemunha uma pessoa sendo ferida. 16,9% dos moradores viram alguém sendo baleado ou morto, com uma média de 2,3 eventos relatados. Essa vivência traumática contribui para manutenção de um clima de insegurança, reforçando crenças na proximidade do perigo.
- d) Alguém próximo foi morto ou baleado na Maré. 25,5% dos moradores tiveram alguém próximo morto ou baleado em algum momento da vida. Entre estes, a média foi de 2,7 vítimas. O dado revela a proximidade da perda de entes queridos enfrentada por uma parcela considerável da população, e remete a afetos como luto e preocupação com outras pessoas.

Tabela 3. Exposição à violência armada na Maré

Nível de exposição no período de 12 meses	Percentual	Média de eventos ¹⁶
Sem exposição (nenhum evento)	41,0	
Baixa exposição (1 ou 2 eventos)	31,0	
Média/alta exposição (3 ou mais eventos)	28,0	
Teve sua casa invadida	13,4	2,2
Esteve em meio a um tiroteio na Maré	43,9	3,0
Viu alguém sendo baleado ou morto/assassinado na Maré	16,9	2,3
Alguém próximo foi morto ou baleado na Maré	25,5	2,7

Fonte: Pesquisa Construindo Pontes (Heritage e Silva, 2021). Elaboração própria.

Em relação ao nível geral de exposição, 41% dos moradores não tinham passado por quaisquer eventos violentos. É a parcela da população da Maré que não vivenciou nenhum dos quatro episódios usados para caracterizar a exposição

16 Médias calculadas sobre os moradores expostos, isto é, que afirmaram passar pela experiência.

à violência armada. 31% dos moradores passaram por 1 ou 2 episódios no último ano, sofrendo baixa exposição. A categoria de média/alta exposição contemplou 28% dos moradores, expostos a três ou mais eventos violentos durante os 12 meses pesquisados.

Basicamente, esperamos observar uma relação diretamente proporcional entre o nível de exposição e a ocorrência dos afetos registradas anteriormente. Quanto maiores os níveis experimentados de violência, mais recorrentes seriam os registros negativos, como tristeza raiva, medo ou desinteresse. A hipótese é que a exposição à violência armada influencia significativamente a dimensão emocional, formando vivências que aumentam as dificuldades em trajetórias de vida já precarizadas. Resta saber, como esta distribuição ocorre, e qual a intensidade da relação com os diferentes tipos de afetos.

ACESSANDO “AFETIVIDADES MARGINAIS”

As tabelas a seguir trazem os resultados dos cruzamentos de diferentes tipos de afetos com os diferentes níveis de exposição à violência. Inicialmente, a análise bivariada¹⁷ mostrou a existência de diferenças estatisticamente significativas entre a ocorrência dos afetos e o incremento da exposição às experiências diversas de vitimização (direta e indireta) na Maré. De modo geral, esta relação foi notada com formato de “dose-resposta”. Pessoas sem exposição à violência armada apresentaram marcadores mais baixos destes afetos negativos, e tiveram menores níveis de sofrimento, desconforto e medo, por exemplo.

Uma vez experimentado ao menos um evento violento, o percentual de pessoas com sintomas aumenta fortemente. Basta que a pessoa passe por uma ou duas experiências, no período de um ano. Depois, à medida que a exposição aumenta, para um nível médio ou alto (com 3 ou mais destas experiências), este percentual volta a subir. As tabelas trazem ainda a razão entre os percentuais dos grupos mais e menos expostos, que funciona como medida da intensidade da relação. Uma razão de 1,72 mostra um aumento de 72% na ocorrência do afeto.

A variação da distribuição dos afetos segundo grupos de exposição foi bem ampla. A diferença mais ampla, entre pessoas com maior exposição e as sem exposição, foi igual a 95%, no caso de quem afirmou “sentir-se sem esperança perante o futuro”. Entre as pessoas sem exposição, as “sem esperança” eram 17,2%. Entre indivíduos com exposição média ou alta, este percentual sobe para 33,6%,

17 Foi utilizada uma estatística qui-quadrado simples, para testar associação de variáveis qualitativas em tabelas de contingência. Os resultados foram estatisticamente significativos com $\alpha < 0,05$. Nível de confiança de 95%.

mostrando associação forte e clara entre convivência com violência armada e um sentimento de desesperança, desencantamento e falta de perspectiva.

Nessa linha, afetos como medo/evitação (“[evito] certas coisas, lugares ou atividades por causarem medo”), desinteresse (“não [tenho] interesse por nada”) e desconexão ou isolamento (“[tive] grande dificuldade em sentir-se ‘próximo’ de outra pessoa”) sofreram ampla variação segundo o grau de exposição. As diferenças, entre pessoas com maior e nenhuma exposição, foram 83,2%, 82,6% e 72,5%, respectivamente.

No que se refere ao medo do crime e à insegurança, maiores níveis de exposição, estiveram associados a maiores registros, sobretudo no que se refere ao medo de ser atingido ou de ter alguém próximo atingido por uma bala perdida. As diferenças entre pessoas com maior exposição e aquelas sem qualquer exposição ficaram na ordem de 40%.

Tabela 4. Distribuição dos sintomas segundo níveis de exposição à violência armada

Tipo de sintoma do BSI	Nível de exposição Percentual				Razão
	Sem exposição	Baixa	Média-Alta	Total	Alta-Média/Sem exp.
Grande dificuldade em sentir-se “próximo” de outra pessoa	15,8	24,8	27,3	22,0	1,72
Sentir-se sem esperança perante o futuro	17,2	23,5	33,6	24,5	1,95
Ter explosões de raiva que não se pode controlar	20,1	28,6	33,7	26,9	1,67
Não ter interesse por nada	19,3	29,1	35,2	27,1	1,83
Ter de evitar certas coisas, lugares ou atividades por lhe causarem medo	23,3	28,8	42,6	31,6	1,83
Sentir-se em estado de tensão ou aflição	23,3	35,9	39,3	31,8	1,69
Medo na rua ou praças públicas	28,2	31,7	42,2	33,9	1,50
Sentir que as outras pessoas não são amigas ou não gostam de você	37,0	37,7	56,8	44,4	1,54
Sentir-se triste	38,4	46,2	56,0	46,4	1,46
Nervosismo ou tensão interior	40,2	51,9	59,0	49,5	1,47
Aborrecer-se ou irritar-se facilmente	49,8	61,2	69,8	59,5	1,40
Sentir que não pode confiar na maioria das pessoas	66,5	68,8	77,3	71,0	1,16

Fonte: Pesquisa Construindo Pontes (Heritage e Silva, 2021). Elaboração própria.

Tabela 5. Distribuição dos medos segundo níveis de exposição à violência armada

Tipo de medo	Nível de exposição				Razão
	Percentual				
	Sem exposição	Baixa	Média-Alta	Total	Alta-Média/Sem exp.
Sente medo de ser atingido por bala perdida na Maré	51,1	67,3	72,8	62,7	1,43
Medo de que alguém próximo seja atingido por bala perdida na Maré	58,3	77,4	80,8	70,9	1,39
Sente medo de circular na Maré	11,4	7,3	14,2	11,5	1,24

Fonte: Pesquisa Construindo Pontes (Heritage e Silva, 2021). Elaboração própria.

TIPOS DE GOVERNANÇA CRIMINAL E DISTRIBUIÇÃO DOS AFETOS

Diferente das análises anteriores, os cruzamentos entre incidência dos afetos e tipos de governança criminal na Maré não demonstraram a mesma variação. As análises mostraram invariância, com praticamente nenhuma alteração nos percentuais entre áreas de tráfico e milícia. As razões entre percentuais foram sempre próximas ou iguais a 1. As poucas diferenças não foram estatisticamente significativas.

Se para a maioria dos afetos observados, parece não fazer sentido a tentativa de estabelecer uma distinção que leve em conta diferentes estilos de liderança e modos de controlar os territórios, a exceção esteve nas variáveis sobre medo. Nos itens do BSI e, sobretudo, nas questões sobre o medo de balas perdidas, estar em áreas dominadas pelo tráfico parece estar associado à maior ocorrência de medo. Enquanto 65% dos residentes em áreas de tráfico sentem habitualmente medo de serem atingidos em um tiroteio, o percentual foi 33% nas áreas de milícia. Quanto ao medo de pessoas próximas serem atingidas, o padrão foi similar, com percentuais de 73,7% contra 42,3%. Não houve diferença para o medo de circular na Maré.

Tabela 6. Distribuição dos sintomas segundo tipo de Governança Criminal.

Tipo de sintoma do BSI	Tipo de Governança			Razão
	Áreas de tráfico	Área de milícia	Total	Tráfico/Milícias
Grande dificuldade em sentir-se “próximo” de outra pessoa	21,9	22,3	22,0	0,98
Sentir-se sem esperança perante o futuro	24,6	23,2	24,5	1,06
Ter explosões de raiva que não se pode controlar	27,1	25,5	26,9	1,06
Não ter interesse por nada	27,0	28,2	27,1	0,96
Ter de evitar certas coisas, lugares ou atividades por lhe causarem medo	32,4	23,6	31,6	1,37
Sentir-se em estado de tensão ou aflição	31,8	31,9	31,8	1,00
Medo na rua ou praças públicas	34,5	27,5	33,9	1,25
Sentir que as outras pessoas não são amigas ou não gostam de você	44,6	42,5	44,4	1,05
Sentir-se triste	46,8	42,6	46,4	1,10
Nervosismo ou tensão interior	49,7	46,8	49,5	1,06
Aborrecer-se ou irritar-se facilmente	60,1	53,8	59,5	1,12
Sentir que não pode confiar na maioria das pessoas	71,2	68,7	71,0	1,04

Fonte: Pesquisa Construindo Pontes (Heritage e Silva, 2021). Elaboração própria.

Tabela 7. Distribuição dos medos segundo tipo de Governança Criminal

Tipo de medo	Tipo de Governança Criminal			Razão
	Áreas de tráfico	Área de milícia	Total	Tráfico/Milícias
Sente medo de ser atingido por bala perdida na Maré	65,6	33,3	62,7	1,97
Medo de que alguém próximo seja atingido por bala perdida na Maré	73,7	42,3	70,9	1,74
Sente medo de circular na Maré	11,6	10,4	11,5	1,12

Fonte: Pesquisa Construindo Pontes (Heritage e Silva, 2021). Elaboração própria.

DISCUSSÃO

O conceito de “estados de violência” (Michaud, 1989) remete ao *timing* da violência, à sua dosagem ou à forma como sua incidência é distribuída no tempo, se episódica e eventual ou contínua e perene. O termo é usado na busca por compreender diferentes formas de violência e suas manifestações em contextos sociais. Tais estados referem-se a situações em que a violência é institucionalizada, normalizada ou endêmica em uma certa figuração social. Estes podem ser tanto explícitos, como guerras ou conflitos armados abertos, quanto sutis e estruturais, como violência estrutural e simbólica presentes nas relações sociais.

Na prática, a ideia central é que algumas formas de violência não são apenas eventos isolados (atos de violência), mas podem se tornar parte do cotidiano de grupos, populações e comunidades. Em tais configurações, a violência pode se tornar uma forma de poder, controle ou resolução de conflitos, moldando as normas, e regulando comportamentos e relações sociais. Nessa linha, é possível afirmar que a população da Maré, exposta a várias condições adversas, experimenta, a partir dos elevados níveis de violência relacionados ao domínio ostensivo dos territórios por grupos armados, um “estado de violência”.

Não é possível, a partir dos dados restritos à Maré, avaliar quanto viver nessas condições altera marcadores emocionais, modelando humores e afetos. Podemos apenas especular, observando, os altos percentuais de desconfiança (71% da população sentia que não podia confiar na maioria das pessoas), raiva (59,6% afirmaram ter se aborrecido facilmente), e nervosismo (49,6% das pessoas sentiam nervosismo ou uma “tensão interior”), sobre a existência de um efeito mais amplo e difuso, certa ambiência ou clima emocional, que atingiria transversalmente todas as comunidades da Maré.

Tal fenômeno, que deve, potencialmente, ocorrer em territórios sob controle de grupos armados, talvez explique a invariância da incidência dos sintomas do BSI entre áreas dominadas por traficantes e milicianos. Para a maioria esmagadora dos afetos observados, o tipo de governança criminal simplesmente não fazia sentido como variável de distinção. A exceção se deu nas variáveis sobre um tipo de afeto específico, trabalhado na sociologia da violência, relacionado ao medo do crime e à insegurança.

Para o medo, fazia diferença (estatística e substantiva) residir em áreas de tráfico ou milícia.¹⁸ Nas áreas de tráfico, o medo foi maior que no território de milícia, sobretudo em sua forma mais específica (o medo de bala perdida), mas também, em menor grau, em formas mais gerais, como o medo de estar na rua ou práticas de evitação de lugares ou atividades.

Sob este último ponto, argumentamos, com base nas análises de Ribeiro, Soares e Krenzinger (2022),¹⁹ que parte considerável da diferença encontrada na exposição e nas experiências de violência armada entre áreas de tráfico e milícia, está depositada nas relações estabelecidas com as agências de segurança. É o modo distinto como as respostas do Estado no campo da segurança são atribuídas aos territórios, e a relação historicamente existente entre setores policiais e

18 A exceção foi o medo de circular que, além de baixo em termos percentuais (11,5%), não se mostrou distinto em áreas de tráfico (11,6%) e milícia (10,4%).

19 Análises realizadas com as mesmas fontes de dados.

grupos milicianos que, na Maré, torna as áreas de tráfico “conflagradas”, e a área de milícia, mais “tranquila”.

A exposição à violência armada é bastante superior nas áreas de tráfico (36,8% sem exposição, 24,3% de exposição baixa e 38,9% de exposição média/alta) em relação à área de milícia (82,4% sem exposição, 10,2% de exposição baixa e 7,4% de exposição média/alta). Além disso, Ribeiro, Soares e Krenzinger (2022) indicaram uma atuação da polícia diferenciada, mais belicosa e truculenta, nas áreas de tráfico. Estes fatores, conjugados às representações sociais sobre a “guerra às drogas”, o perfil mais jovem, imprevisível e errático dos traficantes (Ramos, 2007), e os discursos de legitimação e “mal menor” (Cano, 2008), que poderiam ainda incidir sobre percepções, são candidatos a mecanismos explicativos para este maior medo encontrado em regiões de tráfico.

Há aqui uma distinção fundamental entre “estados de violência” e “áreas conflagradas”. O primeiro se refere a contextos em que a violência é contínua e não episódica. A segunda acepção, trata de locais que enfrentam conflitos, tensões e violências recorrentes. As disputas territoriais entre grupos rivais e, sobretudo, a atuação policial tornam as áreas de tráfico mais perigosas e à ambiência emocional mais geral, que associamos a um estado de violência, se somam altos níveis de vitimização direta e indireta, primária e secundária, características de áreas conflagradas. Tais circunstâncias aumentam a sensação geral de instabilidade e insegurança, e parecem ter consequências psicossociais e emocionais, registradas pelas diferenças observadas segundo níveis de exposição à violência.

De fato, os níveis de exposição à violência armada estiveram fortemente associados à ocorrência dos afetos negativos analisados. Quanto maior a exposição, isto é, maior o número de experiências de vitimização direta ou indireta, mais frequentes foram os sintomas. Afetos como desesperança, desinteresse e medo, sofreram as maiores variações, sendo mais afetados, assim como isolamento interpessoal, raiva e aflição. Se anteriormente, altos percentuais pareciam indicar uma ambiência emocional geral, neste caso, observar as maiores variações remete a uma dimensão mais particular, relacionada ao trauma, ao luto e a certo sentimento de indefensão, dada a impotência diante da figuração social que se apresenta, com a convivência constante com o risco e a possibilidade de (re)vitimização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência armada nas periferias urbanas e favelas é um fenômeno recorrente no Brasil e no Rio de Janeiro. Suas consequências são inúmeras, indo além da manutenção da integridade e segurança física. Tais contextos ou estados de

violência têm um impacto profundo no bem-estar emocional e psicológico dos residentes dessas áreas.

Buscamos compreender como a exposição e vivência diária com a violência armada influenciam os afetos das pessoas. Uma vez que a violência armada gera um ambiente de constante estresse e trauma, os moradores da Maré, assim como residentes de outras favelas e periferias, vivem em contextos de insegurança e violência crônica.

Nos dados analisados, pudemos observar uma relação intrínseca entre violência armada e um sofrimento emocional que atua como espectro de uma ameaça internalizada pelas pessoas. Significa que, mesmo pessoas não diretamente vitimizadas, tendem a conviver com o fantasma do medo, o que carrega um conjunto de privações, além da queda na qualidade de vida.

Mostramos ainda que, em áreas conflagradas, a vitimização e a exposição à violência, promove uma forma adicional de precariedade, subjetiva, que se soma, como desvantagem comparativa, a tantas outras formas de promoção do que Preteceille e Valadares (2000) chamaram de “desigualdade entre os pobres”. Esta nova clivagem social, distingue indivíduos segundo medo, insegurança e outras formas de sofrimento. No limite, estas pessoas apresentam uma condição análoga à “pobreza da pobreza” (Demo, 2003), evidenciada por uma posição menos favorável numa hierarquia que marca certa estratificação das subjetividades (Ribeiro e Borges, 2022).

No que se refere ao campo das políticas públicas e programas de intervenção, os resultados sugerem a necessidade de uma agenda voltada à redução de danos, ao fortalecimento das redes pessoais, comunitárias e institucionais de apoio social, e para mitigação dos efeitos perversos sobre a saúde emocional e sobre o cotidiano das populações residentes em territórios periféricos e áreas conflagradas. Também pede atenção para as graves consequências que uma política de segurança pautada em incursões e conflitos sistemáticos provoca.

BIBLIOGRAFIA

- BORGES, Dorian (2011). *O medo do crime na cidade do Rio de Janeiro: uma análise sob a perspectiva das crenças de perigo*. 1ª ed. Curitiba: Appris.
- BORGES, Dorian; CANO, Ignacio (2021). Determinantes do medo do crime no Brasil: O efeito da coesão social. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, v.21, n.3, p. 455–466. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2021.3.35603>
- CANO, Ignacio; SENTO-SÉ, João Trajano; RIBEIRO, Eduardo; SOUZA, Fernanda (2004). *O impacto da violência no Rio de Janeiro*. Relatório de pesquisa. Rio de Janeiro: Laboratório de Análise de Violência (UERJ).

- CANO, Ignacio (2006). “Prefácio”. In: SOARES, Gláucio Ary Dillon; MIRANDA, Dayse; BORGES, Doriam. *As vítimas ocultas da violência na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- CANO, Ignacio (2008). “Seis por meia dúzia? Um estudo exploratório do fenômeno das chamadas ‘milícias’ no Rio de Janeiro”. In: JUSTIÇA GLOBAL (org). *Segurança, tráfico e milícia no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll.
- CANO, Ignacio; DUARTE, Thais (2012). *‘No Sapatinho’: a evolução das milícias no Rio de Janeiro (2008-2011)*. Rio de Janeiro: LAV/Uerj; Fundação Heinrich Boll.
- CAVALCANTI, Mariana (2008). Tiroteios, legibilidade e espaço urbano: notas etnográficas de uma favela consolidada. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito de Controle Social*, v.1, n.1, p.35-59.
- CRUZ, Marcelo Santos; SILVA, Eliana Sousa; JAKAITE, Zivile; KRENZINGER, Miriam; VALIATI, Leandro; GONÇALVES, Dalcio; RIBEIRO, Eduardo; HERITAGE, Paul; PRIEBE, Stefan (2021). Experience of neighbourhood violence and mental distress in Brazilian favelas: a cross-sectional household survey. *Lancet Regional Health*, v.4. <https://doi.org/10.1016/j.lana.2021.100067>
- DELEUZE, Gilles (2002). *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta.
- DEMO, Pedro (2003). *Pobreza da pobreza*. Petrópolis: Vozes.
- DEROGATIS, Leonard R.; MELISARATOS, Nick (1983). The brief symptom inventory: an introductory report. *Psychological medicine*, v.13, n.3, p.595-605.
- DOWDNEY, Luke (2003). *Crianças do tráfico: Um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- FARIAS, Juliana (2008). “Da asfixia: reflexões sobre a atuação do tráfico de drogas nas favelas cariocas”. In: MACHADO DA SILVA, Luiz Antônio. *Vidas sob cerco: Violência e rotina nas favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, pp. 173-190.
- HERITAGE, Paul; SILVA, Eliana Sousa (2021). *Estudo com moradores das 16 favelas da Maré*. Rio de Janeiro/Londres: People’s Palace Projects do Brasil.
- HIRATA, Daniel *et al* (2021). *A expansão das milícias no Rio de Janeiro: Uso estatal da força, mercado imobiliário e grupos armados*. Relatório final. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll.
- HOCHSCHILD, Arlie (1979). Emotion Work, Feeling Rules, and Social Structure. *American Journal of Sociology*, Vol. 85, No. 3.
- KRENZINGER, Miriam; RIBEIRO, Eduardo; SOARES, Luiz Eduardo; MORAES, Giselle; GUINDANI, Natália; NASCIMENTO, Rodrigo (2021). Impactos sociais da exposição à violência armada na Maré: Incidências, consequências e estratégias de enfrentamento. In: HERITAGE, Paul; SILVA, Eliana Sousa (orgs). *Estudo com moradores das 16 favelas da Maré*. Rio de Janeiro/Londres: People’s Palace Projects, pp. 179-284.

- LEEDS, Elizabeth (2006). Cocaína e poderes paralelos na periferia urbana brasileira: Ameaças à democratização em nível local. In: ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos (orgs). *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, pp. 233-276.
- LESSING, Benjamin (2021). Conceptualizing Criminal Governance. *Perspectives on Politics*. v.19, n.3, pp. 854-73.
- MACHADO DA SILVA, Luiz Antonio (2008). *Vida sob cerco: Violência e rotina nas favelas do rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- MICHAUD, Yves (1989). *A violência*. São Paulo: Ática.
- MISSE, Michel (1999). *Malandros, marginais e vagabundos e a acumulação social da violência no Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Sociologia). Rio de Janeiro: Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.
- PRETECEILLE, Edmond; VALLADARES, Lícia (2000). A desigualdade entre os pobres –favela. In: HENRIQUES, Ricardo Henriques. *Desigualdade e pobreza no Brasil*. Rio de Janeiro: Ipea. pp. 459-485.
- RAMOS, Silvia (2007). *Respostas brasileiras à violência no campo da segurança pública: os movimentos sociais e as organizações não governamentais*. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: Escola Nacional de Saúde Pública; Fundação Oswaldo Cruz.
- REDES DA MARÉ (2019). *CENSO POPULACIONAL DA MARÉ 2013*. RIO DE JANEIRO: REDES DA MARÉ.
- RIBEIRO, Eduardo (2021). Considerações metodológicas e panorama dos resultados da pesquisa construindo pontes. In: HERITAGE, Paul; SILVA, Eliana Sousa (orgs). *Estudo com moradores das 16 favelas da Maré*. Rio de Janeiro/Londres: People's Palace Projects, pp. 179-284.
- RIBEIRO, Eduardo; BORGES, Doriam (2022). Percepções de bem-estar nas favelas da Maré: Uma análise das desigualdades e estratificação das subjetividades. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, v. 22.
- RIBEIRO, Eduardo; SOARES, Luiz Eduardo; KRENZINGER, Miriam (2022). Tipos de governança criminal: Estudo comparativo a partir dos casos da Maré. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social*, v. 15, p. 559-588.
- SOARES, Gláucio Ary Dillon; MIRANDA, Dayse; BORGES, Doriam (2006). *As vítimas ocultas da violência na cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- ZALUAR, Alba (1985). *A máquina e a revolta*. São Paulo: Brasiliense.
- ZALUAR, Alba (2004). *Integração perversa: pobreza e tráfico de drogas*. Rio de Janeiro: FGV.

APÊNDICE 1: LISTAGEM GERAL DE SINTOMAS DO BSI

1. Nervosismo ou tensão interior

2. Desmaios ou tonturas
3. Ter a impressão de que as outras pessoas podem controlar os seus pensamentos
4. Ter a ideia de que os outros são culpados pela maioria dos seus problemas
5. Dificuldade em se lembrar de coisas passadas ou recentes
6. Aborrecer-se ou irritar-se facilmente
7. Dores sobre o coração ou no peito
8. Medo na rua ou praças públicas
9. Pensamentos de acabar com a vida
10. Sentir que não pode confiar na maioria das pessoas
11. Perder o apetite
12. Ter um medo súbito sem razão para isso
13. Ter impulsos que não se podem controlar
14. Sentir-se sozinho mesmo quando está com mais pessoas
15. Dificuldade em qualquer trabalho
16. Sentir-se sozinho
17. Sentir-se triste
18. Não ter interesse por nada
19. Sentir-se com muito medo
20. Sentir-se facilmente ofendido nos seus sentimentos
21. Sentir que as outras pessoas não são amigas ou não gostam de você
22. Sentir-se inferior aos outros
23. Vontade de vomitar ou mal-estar do estômago
24. Impressão de que os outros o costumam observar ou falar de você
25. Dificuldade em adormecer
26. Sentir necessidade de verificar várias vezes o que faz
27. Dificuldade em tomar decisões
28. Medo de viajar de ônibus, de trem ou de metrô
29. Sensação de que lhe falta o ar
30. Calafrios ou indigestão
31. Ter de evitar certas coisas, lugares ou atividades por lhe causarem medo
32. Sensação de vazio na cabeça (aéreo, desligado)
33. Sensação de anestesia ou formigamento no corpo
34. Ter a ideia de que devia ser castigado pelos seus pecados
35. Sentir-se sem esperança perante o futuro
36. Ter dificuldade em se concentrar
37. Falta de forças em partes do corpo
38. Sentir-se em estado de tensão ou aflição

39. Pensamentos sobre a morte ou que vai morrer
40. Ter impulsos de bater, ofender ou ferir alguém
41. Ter vontade de destruir ou quebrar coisas
42. Sentir-se envergonhado junto de outras pessoas
43. Sentir-se mal no meio das multidões como lojas, cinemas ou assembleias
44. Grande dificuldade em sentir-se “próximo” de outra pessoa
45. Ter ataques de terror ou pânico
46. Entrar facilmente em discussão
47. Sentir-se nervoso quando tem de ficar sozinho
48. Sentir que as outras pessoas não dão o devido valor ao seu trabalho ou às suas capacidades
49. Sentir-se tão desassossegado que não consegue manter-se sentado quieto
50. Sentir que não tem valor
51. A impressão de que, se deixasse, as outras pessoas se aproveitariam de você
52. Ter sentimentos de culpa
53. Ter a impressão de que alguma coisa não regula bem na sua cabeça

APÊNDICE 2: LISTAGEM DE QUESTÕES SOBRE MEDO DO CRIME E INSEGURANÇA

1. Sente medo de ser atingido(a) por bala perdida na Maré
2. Sente medo de que alguém próximo seja atingido(a) por uma bala perdida na Maré
3. Sente medo que sofra agressão física ou verbal dentro da Maré
4. Sente medo de que alguém próximo sofra agressão física ou verbal dentro da Maré
5. Sente medo de ter perda econômica/material ou de perder o trabalho por conta de alguma situação de violência na Maré
6. Sente medo que tenha que se envolver com atividades ilícitas ou ilegais
7. Sente medo que alguém próximo tenha que se envolver com atividades ilícitas ou ilegais
8. Sente medo de falar o que pensa ou sente na Maré
9. Sente medo de circular na Maré

Recebido: 30/06/2023 | **Aprovado:** 19/09/2023